

Faróis de Campanha e as Sombras do Sistema

Publicado em 2025-05-11 09:01:18



Luís Montenegro declarou, em tom triunfal, que é “o farol deste país”. Fê-lo em plena campanha, rodeado de aplausos ensaiados e luzes de palco, como se fosse o guia luminoso de uma pátria perdida nas brumas. Mas muitos portugueses, com os pés bem assentes na realidade, olham para essa luz com desconfiança. **Será farol que guia ou holofote virado para o espelho?**

Autoproclamar-se farol implica autoridade moral, clareza de visão e uma trajetória imaculada. Mas Montenegro carrega nas costas não apenas a herança de um partido esgotado em promessas, como também os ecos de investigações e ligações que assombram a credibilidade do seu

discurso. Fala como se viesse de fora do sistema — quando, na verdade, **sempre lá esteve dentro.**

Ao afirmar que “só anda com papões quem não tem soluções”, tenta desviar o olhar dos eleitores para o medo alheio, ignorando os fantasmas que o acompanham: o imobilismo político, os casos judiciais por esclarecer, as ligações a grupos económicos que sempre orbitam o poder. Montenegro diz que tem soluções — mas onde estão? **Quais são? Porque não as vemos aplicadas nas câmaras, nas políticas ou na proposta de país?**

O povo português já viu demasiados “faróis” falharem. Políticos que prometeram iluminar, mas deixaram tudo na penumbra da burocracia, do compadrio e da mediocridade. E quando a luz que se proclama não ilumina o caminho, apenas cega — **transforma-se numa distração, não numa salvação.**

Montenegro quer ser o guia, o iluminador, o condutor do futuro. Mas para ser farol, **não basta declarar-se luz. É preciso merecê-la.** É preciso rasgar o nevoeiro com verdade, romper com os jogos de sombras e provar que o brilho não vem do palco, mas do serviço ao país.

Portugal não precisa de mais figuras que se dizem faróis. Precisa de cidadania acesa, pensamento crítico e coragem para reconstruir — mesmo sem líderes que se achem divinos.

Porque o verdadeiro farol de um país **não é um homem. É o povo desperto.**

Por Francisco Gonçalves